

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso.	30 "

Annunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROPRIETARIO E DIRECTOR—J. A. LACERDA JUNIOR

EDITOR—Alfredo Pires

Administração e officina de impressão—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	10 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originas e jam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencional.

SOCIALISMO

I

—Mas porque é que não hade vir, porquê?

—Porque a transição da Monarchia para a Republica é dez mil vezes mais facil do que a da Republica para o Socialismo que, segundo dizem, promette retrogradar aos tempos primitivos.

—Ah sim, mas isso não é razão bastante. E esses tempos não eram tão maus como á primeira vista parecem. Tempo, tempo, e tudo se fará.

—Qual tempo, qual carapuça! O Socialismo como elles o querem, o Socialismo comunista propriamente dicto, o Socialismo sem dinheiro, sem vinho, sem alcool, jamais virá! E se vier, se tiver de vir, não será nos primeiros quinhentos annos!

—Quem sabe lá, homem? Pode até vir antes de cincoenta! E a supressão das bebidas alcoolicas incluirá tão grande beneficio para a nossa especie que desde já seria bem vinda, não te parece?

—Não digo que não porque a agua que é o melhor e o mais innocente licôr d'este mundo as substituiria com manifestas vantagens. Mas não é só isso, ha muitas outras coisas, como por exemplo a extincção do dinheiro e da propriedade que são-n'o grande incentivo do trabalho, ou do «este é meu e aquelle é teu», e cujas entidades o Socialismo condemna pela baze, oíço dizer, mas que apezar d'isso sempre hão de existir, porque o seu desaparecimento, não só prejudicaria a Agricultura, mas ainda—e principalmente—o Commercio e a Industria.

—Quanto á primeira estás redondamente enganado, porque dentro em pouco ella se desenvolverá como nunca; quanto ao segundo esse talvez tenha d'acabar por inutil; quanto á terceira haverá apenas a preciza, a necessaria, e quanto ao grande incentivo que te parece faltar na supressão ou desaparecimento do dinheiro, dir-te-hei que elle existe, ou antes que existem, porque ha uns poucos, e qualquer d'elles mais sensato, mais razoavel, mais justo, mais humano do que isso que para ahí está a que vulgarmente se chama «prodade, moeda corrente», etc., e que é muito bonito, mas que dá lugar a que uns tenham tudo, outros nada.

—Incentivos sem dinheiro nem propriedade, hein? Como, aonde, em quê?

—Em tudo. Já viste alguém comer dinheiro, beber dinheiro, vestir dinheiro, calçar dinheiro?

—Decerto que não. Mas sem elle aonde fica o incentivo para o trabalho?

—Pelo que dizes vejo que não estás muito ao facto das promessas do Socialismo que afinal me parecem razoavelmente humanas, embora talvez amaramente duras para os mi-zozos protegidos de Pluto.

—Ouvirei. Explica-te.

—Então ouve: Para que trabalhas tu?

—Principalmente, para comer, vestir e calçar.

—Muito bem. N'esse cazo vaes ver

que não faltam incentivos para o trabalho, nem talvez para a implantação do regimen em questão:

1.º—O socialista não é hespanhol nem francez, suíço nem portuguez. Tem por patria o mundo inteiro e por «lemma» a Igualdade.

2.º—As Communidades locais fornecerão comida—posta na meza—vestuario e calçado, que são os artigos mais necessarios á vida, a troco do trabalho de cada um, conforme o seu prestimo ou aptidão, durante algumas horas diarias.

3.º—Todos os homens e hominas serão rigorosamente iguaes entre si, tanto na respectiva consideração pessoal, como na comida, vestuario e calçado.

Quanto vale isto?

Deve ser uma belleza
Ver o fidalgo altaneiro
A comer á mesma meza
Do seu pobre sapateiro,
Como a duqueza de tal
A vestir com a pastora
Que lhe não chama senhora
Mas apenas... sua igual!

4.º—Não haverá cegos, côxos, aleijados, nem quaesquer outros desgraçados a mendigar de porta em porta, como hoje succede para eterna vergonha da deshumana humanidade, porque enquanto os validos trabalham serão-n'os inuteis mantidos e sustentados nos azylos das suas respectivas Communidades.

5.º—As cadeias e os tribunaes serão transformados em escolas publicas, ou talvez em pequenos azylos locais, porque então não haverá ladrões nem assassinos a julgar nem a encarcerar, senão malfeteiros a decapitar.

6.º—Todo aquelle ou aquella que sem doença ou justa cauza se recuzar primeira e segunda vez ao serviço para que tenha sido julgado apto, será tido e havido por prejudicial á Communidade e, por consequencia, cadaverizado por utilidade publica.

7.º—A familia tenderá a desaparecer, porque acabará a dependencia de filhos para paes, de mulheres para maridos, etc. etc. Mas em compensação não haverá tanto abuzo nem tanta prostituição como agora, não só porque falta a «desigualdade» no traje—circumstancia que anniquilla a louca ambição do luxo—mas tambem porque todo aquelle que «sexualizar» com mulher—nova ou velha—contra sua vontade, será considerado como inferior ao cão e por isso morto immediatamente como indigno de viver entre os homens.

Finalmente: Desde a implantação d'este regimen de absoluta Igualdade não mais se verá sombra de Auctoridade na terra! Sim, a magistratura tal qual hoje existe acabará por completo, mas apezar d'isso inteira justiça será feita a todos, intendes?

—Perfeitamente. Mas feita por quem?

—Pela propria Igualdade que inteiramente despida de vinganças e traições, d'invejas e d'ambições, não poderá deixar de a fazer tão recta como uma linha bem esticada, porque aonde reina a Igualdade impera a Justiça!

| E como é que elles querem im-

plantar essa prodigioza Igualdade, vencendo ou convencendo?

No primeiro cazo tarde ou nunca a estabelecerão, a não ser que passem por cima de 50 ou 60 por cento — pelo menos — d'aquelles que ao tempo existirem, poi que é muita, muitissima a gente rica.

No segundo ja mais a implantarão, porque os que nascem ricos decerto se não deixarão catechizar a ponto de se resignarem a aceitar essa magica Igualdade.

—E' muito provavel que assim venha a succeder, que a livre propaganda da Ideia os não possa convencer a aceitar-a, não ha duvida; mas em ultima instancia serão vencidos.

—Vencidos? Por quem? São tantos, tantissimos os ricos e seus adeptos... Quem poderá vencer tantos e tão poderozos ricalhões... agarrados aos seus thezouros... oirama de que então certamente não serão avaros para a conquista de intepidos defensores?

—Quem os poderá vencer, dizes tu! Essa não está má! A himalayte, a dynamite e seus congeneres, que promettem terraplanizar o mundo fazendo baquear as proeminencias!

Deportados

Seguiram no dia 1.º no vapor «Luzitania», para o logar do exilio, onde vão expiar com enormes sacrificios, o terem-se revoltado contra as prepotencias da disciplina, os marinheiros do «D. Carlos», tendo em vista o melhorar as suas condições de vida, e serem tratados com mais humanidade pelos seus superiores.

São quinze os marinheiros que estavam em S. Julião da Barra, que seguiram para Africa, e hontem devem ter partido no paquete «Benguella», os restantes condemnados que estão no forte de D. Luiz, em Caxaás.

Pobres homens, que n'um momento de rebeldia assim perderam a liberdade, e que bem mereciam a piedade dos juizes que os condemnaram.

A sentença contra elles proferida levantou geraes clamores, e apellando-se, o tribunal superior manteve essa sentença que horrisou toda a genite de sentimentos humanitarios, como se praticassem uma acção generosa.

Delimitação luso-hespanhola

Foi assignada no dia 1.º do corrente, no ministerio dos estrangeiros, a acta de delimitação da fronteira hespanhola até á confluencia do Guadiana com o Cava.

Em seguida trocaram-se as notas da rectificação da acta.

Sua Magestade El-Rei agracionou com a gran-cruz de Christo o mar-

quez de Herrera, que assistiu ao acto, sendo-lhe entregue depois da assignatura.

Na Camara dos Deputados

Novo incidente se deu no dia 3, na camara dos deputados. O sr. João de Menezes, deputado republicano, foi n'aquelle dia expulso da respectiva camara, e em seguida admittido.

Arrematação

Teve logar no preterito domingo, no tribunal d'esta comarca, a 2.ª praça dos bens pertencentes á massa fallida do Visconde da Castanheira de Pera.

A fabrica dos «Rapos» que foi no valor de oito contos, sendo o preço da avaliação de dezaseis contos, subiu a vinte e cinco contos, tendo sido muito disputada pelos varios pretendentes.

O Banco de Portugal que era um dos maiores credores da referida massa, mandou aqui um procurador e foi tambem licitante.

Na primeira praça estando em 16 contos não houve nenhum licitante, e nunca se suppoz que subisse a tão alto, se bem que o valor dos mecanismos seja muito superior.

Com as despezas de praça e siza fica aproximadamente em 28 contos.

Foi arrematada por um grupo de 10 individuos, que são os srs.: Dr. Miguel Alexandre Alves Correia, Manuel Correia de Carvalho, Manuel Alves Bebiano, Manuel Antunes Cepas, Manuel Henriques Lopes, Domingos Fernandes de Carvalho, Antonio Alexandre Correia, Celestino Henriques Assumpção, Antonio Alves Callado, e João Fernandes Vicente, todos de Castanheira de Pera.

Calcula-se que os bens rendam o sufficiente para que os credores da massa recebam cincoenta por cento dos seus creditos.

Ainda estão para arrematar a fabrica da Zibreira (Torres Novas, e outras propriedades, e a fabrica dos «Esconhaes», que pertenceu a João Alves Bebiano e que pertence á massa fallida do Visconde.

Para assistirem ao anniversario de sua mãe e avó, Ex.ª Sr.ª D. Maria Rita de Souza Cid, que passou hontem, estão n'esta villa as Ex.ªs Sr.ªs D. Maximina Guimarães Cid de Brito, sua filha D. Izaora de Brito, D. Leonor Cid Novaes, e o sr. Dr. Prophirio Novaes.

O 1.º de Dezembro no Porto

Foi este dia assignalado no Porto, por factos quasi identicos aos que se deram em Lisboa no dia 4 de maio do corrente anno.

A' chegada dos republicanos, que no dia seguinte ali fizeram uma manifestação de protesto contra a expulsão dos deputados republicanos, de S. Bento, a municipal fez fogo e chëgon a distribuir pranchada sobre o povo, sem o regulamentar toque á ordenança, ferindo muitas pessoas e algumas mortalmente.

Para se ajuizar do que ali se deu transcrevemos dos jornaes d'ali os periodos que se guem.

Do «Primeiro de Janeiro»:

«Se a força publica cumpriu ordens do sr. dr. Pinto de Mesquita, sua ex.^a inicia a sua governação do districto por modo que não nos move aplauso, antes merece a maior reprovação.

Ainda para estes lados não tinham chegado os ecos da manifestação democratica, quando o tropel rapido dum esquadrão de cavallaria punha tudo em alarme. Avançava da rua Formosa, para ir postar-se junto do Hotel do Porto, metade, pelo menos, do esquadrão de cavallaria da guarda municipal, de espadas desembainhadas, em ar de guerra, como que para cair, em fera sanha sobre hostes inimigas.

A multidão foi avançando para junto do hotel em vivas aos deputados republicanos e, então, a cavallaria largou em correrias, a metter os cavallos por cima de toda a gente, avançando para os passeios, quasi entrando pelos estabelecimentos dentro!

Esta repressão violenta motivou protestos e a força respondeu a elles, disparando os seus revólveres, para pôr o panico nos manifestantes.

Se o sr. governador civil, delegado d'um governo que se diz paladino da liberdade, ordenou tal procedimento, não pôde deixar de merecer a mais severa censura. As represões violentas nunca serviram senão para atear e mover á revolta.»

Da «Voz Publica»:

«Na tenção de agredir, a cavallaria da municipal, chegando á rua de Santa Catharina, carrega sobre o povo que a enchia.

Mas no cruzamento de Passos Manuel com aquella rua os manifestantes resistem, arremessando sobre os soldados as pedras colhidas nas obras do saneamento. E tamanha energia tem esta defeza que os cavalleiros recuam, acutilando no entanto, á passagem, os indefezos e os inermes. Trepando aos passeios, não poupam quem tranquilamente se encosta aos portaes. Atiram as espadas de game, barbaramente. A cada grito despedem em correrias

Porque junto ao nosso collega o «Janeiro» alguns populares protestam contra a aggressão desproposi-

tada e provocante, doidamente o commandante dum troço de cavallos manda carregar a galope.

Voltou ainda a repetir-se nova carga para os lados de Santo Antonio. Outra vez o povo resiste, á pedrada. Neste momento partem tiros. Os valorosos pretorianos empregam os seus revólveres. Um homem cae ferido por uma bala e em face da inconcebivel violencia, os populares retiram deante da sanha da força, a qual corre em sua perseguição até ao alto da rua de Santo Antonio.

Ahi um dos soldados intima brutalmente um individuo que está comprando tabaco no kiosque ali existente a retirar-se, e porque o não fez rapidamente, acutila-o.

Ha protestos e cresce a furia da cavallaria que avança para os manifestantes. Novamente estes, á pedrada os fazem recuar.

Outros tiros são disparados pelos heroicos militares.

Mas não estava ainda finda a serie de atropelos. Ajudam-se ainda os populares em frente do Hotel do Porto e a todo o longo da rua de Santa Catharina.

Quarta vez carrega a cavallaria e chegando a Passos Manuel reparte-se em dois troços e enquanto um desce a rua, outro sobe-a em perseguição dum nucleo numeroso de cidadãos.

Esses retiram precipitadamente até á viela do Campinho, junto ao largo de Santo André. Uma vez ahi barricam-se nas trincheiras do saneamento e corajosamente fazem tal defeza que os soldados são batidos e desistem de maiores fogaças.

Voltando a Santa Catharina repetem-se as correrias e acutilamentos, que se prolongam até depois da meia noite.

A' uma hora a cavallaria retira, ficando a rua guardada pela policia e ainda concorrida por numerosos populares.»

Veio passar alguns dias n'esta villa em companhia do merecissimo juiz de direito, sr. Dr. João Ribeiro, sua ex.^{ma} irmã, D. Maria da Conceição Ribeiro de Mello Continho.

Acompanha-a uma creança, sobrinho de suas excellencias.

Regressou de Lisboa aonde passou alguns dias, o sr. Dr. Mario Guimarães Cid das Neves e Castro.

Vimos no dia 6 n'esta villa, o ex.^{mo} sr. Dr. Francisco Ferreira Gaspar, distincto facultativo municipal de Pedrogam Grande.

Tambem vimos n'esta villa no dia 6, o nosso amigo e assignante, sr. Manuel Alves Bebianno, habil industrial de Castanheira de Pera.

Esteve em Castanheira de Pera e vim-o no domingo n'esta villa, o abastado proprietario de Cuba, sr. Albano Bissaya Barreto.

Retira por estes dias para Lisboa, a illustre familia Malhóa, que desde o regresso do insigne artista, do Brazil, aqui se tem conservado.

Foi nomeado guarda-fiscal e collocado no posto de Perfanil, o sr. Joaquim d'Abreu, antigo commerciante n'esta villa.

Escola d'Amadores de Musica 1.º de Dezembro

O sr. Alfredo de Lencastre e Barros, vae estabelecer na sede d'este grupo musical, uma escola gratuita de instrucção primaria, nocturna, para os socios e seus filhos que queiram aproveitar os seus serviços.

E' de bastante vantagem tal ideia, que muito pôde aproveitar aos que queiram utilizar o seu prestimo e reconhecida competencia.

Jury Commercial

O jury Commercial que ha de funcionar no proximo anno de 1907, ficam composto dos srs.:

Dr. Accacio Sande Marinha, Figueiró dos Vinhos; João Simões Baião, Foz d'Alge; Seraphim Dinis Henriques, Pera; Antonio d'Azevedo Lopes Serra, Figueiró dos Vinhos; Julio Henriques Farinha da Conceição, Pedrogam Grande; Manuel Rodrigues Costa Junior, Troviscal; Manuel Diniz, Troviscal; Antonio Luiz Agria, Figueiró dos Vinhos; Ayres Baeta Rebello, Pixa; Manuel Coelho de Carvalho, Castanheira de Pera; Carlos Liborio, Figueiró dos Vinhos, Manuel Rodrigues, Pedrogam Grande; Antonio da Silva Carvalho, Jarda; João dos Reis de Mattos, Campello; José Lopes, Moita; José Miguel Fernandes David, Figueiró dos Vinhos; Augusto d'Araujo Lacerda, Figueiró dos Vinhos; Francisco José da Silva, Castanheira de Pera; Gustavo Alves Bebianno, Castanheira de Pera; Manuel Francisco, Villa Facata; Manuel Antunes Seppas, Cernadas.

Desfalque

Sabemos que o official da repartição de fazenda do districto de Leiria, Rodolpho Barreto Perdigão, se apresentou no dia 3 á policia de Leiria, tendo-se d'ali auzentado no dia 25 do mez findo.

Usando do mesmo processo que usou n'este concelho, levantou tambem dinheiro nas recebedorias de Caldas da Rainha, Pombal e na de Porto de Moz, por processo differente.

Continuaria o roubo que só mais tarde se descobriria, se não fosse a insistencia do sr. Oliveira Leite, escrivão de fazenda d'este concelho, em que lhe fosse communicada a entrada na Agencia do Banco, do ultimo dinheiro que por intermedio d'esta recebedoria levantou.

É CERTO

Que a grosseira obejecção E' propria do chafariz, E que toda a abejecção Degrada aquelle que a diz.

E que d'aqui só se arreda O que á michela arreda.

Termina no dia 20 do corrente a suspensão que soffreram os deputados sr. Dr. Alfonso Costa e Dr. Alexandre Braga, de assistirem ás sessões da respectiva camara.

O ar e o vinho

ATTESTOS

O vazio é devido, no vinho novo, á contracção da massa vinaria, e no vinho feito, á absorpção exercida pelas aduelhas, e á evaporação effectuada através os poros da madeira.

E, todos o sabem, desde que se estabelece o vazio, vai fatalmente o ar occupal-o e achar-se em contacto immediato com o vinho.

Ora esse contacto, sendo puro o ar, só poderia beneficiar o vinho, visto o seu oxygenio insolubilizar as materias albuminosas, que o mesmo vinho conserva em suspensão; e por este meio, o ar contribuiria necessariamente para a depuração e limpeza do vinho, e ainda concorreria para o seu adiantamento, por exercer uma acção oxydante sobre a massa vinaria.

Mas o ar, no seu estado natural, está repleto de germens de fermentos, que são sempre maus companheiros do vinho.

DEFEZA DO VINHO CONTRA O AR

Devemos, pois, defender o vinho dos perigos do vazio.

Conheço tres meios de conseguir essa defeza:

1.º—Usar batoques purificadores do ar.

2.º—Attestar as vasilhas, quer dizer encher o vazio com vinho igual ao contido na vasilha que tratamos.

3.º—Occupar o vazio com acido carbonico ou gaz sulfuroso.

Os batoques purificadores do ar são uns batoques que communicam com um deposito que contém uma substancia destinada a reter n'ella os germens contidos no ar. Esses batoques são verdadeiros filtros do ar. As substancias que mais geralmente são empregadas são: o alcool, o algodão estereilizado, o sulfito de cal, o sulfato de ferro e muitas outras materias anti-microbianas.

O attesto é effectuado, ordinariamente, por meio de um regador, que despeja o vinho pela batoqueira, até o liquido chegar ao tópo interior da vasilha.

A occupação do vazio por acido carbonico e gaz sulfuroso tem por fim purificar o ar que encher o mesmo vazio.

Usam ainda alguns—quando falta o vinho para os attestos—substituir o vinho por pedras de silex, quartzo e granito que, lançadas para o fundo da vasilha, fazem subir o vinho e obrigam este a occupar

o espaço que se achava em vazio.

Nada, porém, é tão bom como o preenchimento do vazio como vinho igual do que estiver na vasilha.

Antonio Batalha Reis.

(De O Lavrador).

O tempo

Durante os últimos 15 dias tivemos um tempo primaveril, que foi aproveitado para a apanha da azeitona que já vai bastante adiantada. Já se vende azeitão novo, que não é de boa qualidade.

Da Borda d'Água estão já chegando os ranchos de famílias que destes sitios ali foram para o serviço d'apanha d'azeitona.

Consorcio

Realizou-se no dia 5 do corrente na parochial de Santa Catharina, do concelho de Pedrogam Grande, o casamento do nosso assignante, sr. José Coelho de Carvalho Junior, com a sr.^a D. Cecilia Nunes Agria, filha do fallecido Augusto Simões Agria.

Foram testemunhas do acto os srs.: José Nunes Marques e Francisco Nunes Agria, tio e irmão da noiva, e as ex.^{mas} sr.^{as}: D. Maria d'Azvedo Serra, d'esta villa, e Maria Rosa Marques.

Por incommodo de saude não pôde assistir ao casamento e ser padrinho, o tio da noiva, ex.^{mo} sr. José Nunes de Carvalho, importante proprietario e capitalista de Lisboa.

Os noivos vão viver para a Beira (Africa Oriental), onde o noivo é estabelecido, até liquidar os negocios que ali tem, regressando depois ao continente.

Que sejam muito felizes, como merecem, pois são dotados de apreciaveis qualidades, é o que sinceramente lhes desejamos.

Fallecimento

Falleceu no dia 21 do mez findo no lugar d'Alge, d'este concelho, com 86 annos, o sr. Manuel Henriques de Campos, avô materno do nosso amigo sr. Joaquim Henriques de Campos, professor ajudante da escola primaria d'esta villa.

A este nosso amigo, a seu pae, sr. Manuel Lourenço dos Santos e mais familia do bemquisto ancião, endereçamos os nossos pezames.

EXPEDIENTE

Aos nossos prezados assignantes que se acham em atrazo de pagamento da assignatura de «O Figueiroense», rogamos a fineza de nos satisfazer seus debitos, o que muito agradeceremos.

O atrazo de muitos, e que só têm explicação na calotice, causa a esta empreza grave transtorno.

Isto entende-se, já se vê, com os que são maus pagadores e elles propriamente bem sabem os que, merecem assim sejam considerados.

A FADA MÁ

De fadas doiradas que encantam as almas, ensinou-me a minha ama contos tão bellos que eu nunca esqueço. E a senhora que tem contado tantos, ha de permitir que em paga lhe conte tambem um. Não é assim?

—Que a tia Marianna me desculpe; não ha de ser só ella que lh'os ha de contar. Mas elle é tão triste! No entanto, a senhora que parece ser tão boa para todas as creanças, ha de talvez gostar; por isso eu vou contar-lhe o meu conto:

«Num casal da encosta, todo caido de branco, vivia uma creança a quem em baixo n'aldeia chamavam o Engeitado.

Era muito meigo. D'olhos castanhos, chammejantes de ternura, a invocar tristezas, incrustando em si a pureza dos santos, nunca a viram rir lá no povoado.

Andava só pelos montes, e á noite, quando recolhia, levava sempre pancada... E elle era manso, muito manso, como as pombas brancas dos eirados!

Do outro lado, no sopé da serra, havia um castello. Tinha uma historia triste, esse castello! Quem lá entrasse, ficava encantado. Habitava-o então uma linda menina, que tinha nos olhos a fascinação dos sonhos e nos labios o purpurino sol das frescas alvoradas.

Era extraordinariamente bella, mas de uma grande altivez de rainha; quando alguém a fitava, tinha um não sei quê de estranho no agudo olhar. As creanças, quando a viam, tremiam todas, e para os pobres, para os timidos, para os desvalidos, naquella fria alma dum orgulho eterno,—havia só desdem, tedio e amargura; por isso, cinco leguas em roda, chamavam-lhe e com razão—«a fada má».

Apparecia lá pelo castello, muito a miúdo o pobre do engeitado. Vião sempre triste, muito triste, e no seu olhar velado havia o quer que fosse de gelada descrença, ou de incommensuravel dôr. A creança cresceu, fez-se homem e irrompeu nelle o bramir convulso do mais phantastico amor pela castellã, altiva, a fada má, de quem todos fugiam como de cautel de abysmo que engolfa e arrasta em nevoa de enganos, ou de illusorios sonhos.

Travou-se a lucta entre as duas almas, e um dia, como na allacinação dum sonho a transluzir de enganos, de olhos fechados, caminhando a medo, rastejou-lhe aos pés no mais profundissimo queixume de quem, como paga, tinha só desprezo! E naquelle momento de insondavel tortura, a altiva castellã, como vento de morte ou de ruina, quebrou-lhe os sonhos no mais picante riso feito de fel e de ironia, e sobre a flôr immaculada d'aquelle intenso amor perpassou, como rajada de tufão, o mais subtil veneno que empegonha e morde!... Ao golpe succedeu a revolta, e por isso, fumegante de vingança, sedento de justiça, como não podia cuspir todo o seu odio sobre a mulher d'olhos tragicos e malditos, foi-lhe numa encruzilhada assassinar o irmão. E nunca niuguem mais o viu!...

Dizia-se, ao saber o caso pela al-

deia, que a fada má o tinha transformado em alma errante e que no seu eterno giro, nas noites de procella e susto, andava pelos corregos dos montes no mais austero e inalteravel tormento.

E daquella linda menina, que arrastava todos á Dôr, ao tedio, aos desenganos, ninguem mais soube, ninguem mais falou.

Um dia, porém, ao sair da missa, o sr. cura disse que quem quizesse saber noticias da fada má, que fosse lá a casa, á residencia, que as tinha fresquinhas e boas, chegadas pela ultima mala-posta. E foi nesse dia um correr para casa do sr. cura, que bem se poderia dizer que toda a aldeia estava em plena romaria! E todos vinham dizendo que aquella feia menina, que desprezava os pobres e se na da Virtude, já não era a mesma. Agora lá pr'o sol nas margens d'um lindo rio, beijava as creanças, contando-lhes historias do mais lindo affecto e communicativa amizade.

E todos n'aldeia perguntavam se seria milagre ou toque de consciencia.

—Se o engeitado fosse vivo!—exclamou alguém.

—Infelizmente não é! porque, se o fosse, de *Fada má*—passaria a chamar-se *Fada boa*.

Exequias

Conforme estava anunciado, realisaram-se hontem exequias por alma do benemerito Ex.^{mo} Sr. Manuel Quaresima Val do Rio, por iniciativa e a expensas das familias Vasconcellos e Serra.

O acto funebre revestiu grande solemnidade e foi muito concorrido.

No proximo numero daremos desenvolvida noticia.

Um grupo

Meu pae! és para mim um claro e nobre espelho; Tu, filha, és o futuro, a vivida esperanca!

Como eu remiro e amo este meu quadro—um velho A par de uma creança.

Candido de Figueiredo.

As viúvas de Chicago

As solteiras vão ter uma terrivel concorrência por parte das viúvas de Chicago. E' o caso que nesta cidade se fundou um club originalissimo, «Madaux's Club», que só admittte perfeitos cavalheiros com a condição porém, de, se são casados terem desposado uma viúva, ou se forem viúvos ou celibatarios, se comprometterem a contrahirem nupcias só com viúvas. Ha apenas algumas semanas que o club se fundou e já o seu secretario recebe diariamente centenas de cartas de viúvas, novas e velhas, bonitas e feias, offerecendo os seus serviços aos socios do club ou ás pessoas que pa-

ra elle quizerem entrar. Mas ha mais e melhor—sete viúvas novas e botitas de Pegim escreverem que tinham resolvido casar só com socios desse club sensacional. As mises americanas é que estão furiosas e pedem a Deus... que as faça viúvas quanto antes.

Consta qua a linha ferrea da Louzã está prestes a ser inaugurada. Diz-se que o horario soffreu alteração, não ficando melhor que o primeiro, que já era mau.

UMA DISTRACÇÃO DE PASTEUR

Pasteur fóra passar uma temporada na Borgonha com a familia do seu genro.

Estava-se á mesa e, quasi no fim de jantar.

Sem dizer nada, o sabio entretinha-se a comer cerejas, tendo o cuidado de as lavar, uma por uma num copo d'agua, com um cuidado tão meticoloso que os seus não poderam deixar de rir. Pasteur, reparando n'isso, disse-lhes:

—Vocês riem; mas é porque não fazem a menor ideia das impurezas que se encontram em cada uma destas cerejas!

E a este proposito, continuando sempre a lavar as serejas, fez uma verdadeira lição de curso aos que o rodeavam, insistindo particularmente sob o numero espantoso de microbios que podem viver na superficie de cada cereja. E quando acabou disse em conclusã:

—Bem vêem que todas as precauções são poucas. Façam o mesmo que eu. Lavem bem as cerejas.

Dito o que, deixou se absorver pelas meditações, e, distrahidamente, pegou no copo onde estivera a afogar com todo o cuidado a tal infundidade de microbios... e bebeu-o de um trago!

—Nenino, quantas classes ha de pobres?

—Tres...

—Quaes são?

—Pobres envergonhados... pobres que envergonham e... pobres sem vergonha.

×

Ama e cosinheira:

—Então, você, oh Maria, não lava o peixe antes de o cosinhar?

—Que necessidade ha, minha senhora, de lavar um animal que p as sou toda a vida na agua.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do segundo officio, correm editos de trinta dias, citando os herdeiros Paulino Lopes da Silva e mulher Maria Joanna, e Silvestre Lopes da Silva, solteiro, maior, residente em Lisboa, em parte incerta, a fim de assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico por obito de Manuel

Joaquim Lopes, vinvo, proprietario, que foi de Pedrogam Grande, em que é inventariante seu filho Bernardino Lopes da Silva, tambem de Pedrogam Grande, sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Figueiró dos Vinhos, 29 de Outubro de 1906.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, 2.º substituto,
Antonio d'Azevedo Lopes Serra.

O escrivão

Joaquim Antunes Ayres Buraca.

EUCALYPTOS para plantação

Ha quantidade, bem desenvolvidos, a 20 reis cada pé.

Pedidos a—**Manuel Antunes Pintasilgo**—

AVELLAR

TYPOGRAPHIA

DE

FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

RUA DA TORRE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

N'esta bem montada typographia executam-se todos os trabalhos typographicos em todos os generos, para o commercio, repartições publicas, e para particulares.

Executa-se com pontualidade e perfeição quaesquer encomendas, por preços modicos.

Bilhetes de visita, desde 200 reis o cento, para o que tem grande variedade de cartões e typos do melhor gosto.

OFFICINA DE SERRALHEIRO

DE

MANUEL DAVID FONTES

—RUA DA CALÇADA—

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Esta officina encarrega-se de todos os trabalhos, concernentes á sua arte, por preços resumidos, taes como:

Nóras e fogões, em diversos sistemas; portas; gradeamentos; corrimões; cofres proprios para confrarias, tendo 3 ou 4 chaves e trabalhando todas na mesma entrada, não abrindo umas sem as outras (tambem podem ter segredos); reparações em machinas; ferramentas cortantes e ditas agricolas etc. etc.

Manuel David Fontes.

MANUEL DIAS COELHO

Participa ao publico que vende vinho de sua colheita, na sua adega, a S. Sebastião, n'esta villa, só para debaixo de ramo.

RELOJOARIA CONFIANÇA



DE

MANUEL COELHO FERNANDES DAVID

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Esta casa vende por preços barattissimos todos os objectos do seu ramo, ganhando apenas 10 %, e tratando os seus freguezes com a maior seriedade.

N'esta casa encontra o publico os objectos abaixo mencionados, pelos seguintes preços:

Relojos de sala com corda para mais de 8 dias (affiançados por 2 annos), com horas e meias-horas, a 4\$000, 4\$400, 4\$800, 5\$000, 5\$500 até 10\$000 reis. Os mesmos reljios que não trocam horas, custam mais 600 reis e com despertador, mais 400 reis.

Relojos morez, de pezos, com figura na pendula, com horas e meias horas e repetição, a 7\$800, 8\$800 e 9\$200 reis.

Despertadores (affiançados por 1 anno), a 750, 950 e 1\$200; com horas, 1\$500 reis.

Relojos de bolso (de prata e aço) affiançados por 1 e 2 annos, de 3\$500 a 8\$000 reis. Ditos uzados, de 1\$500 a 3\$500 reis.

Correntes e cordões de ouro e prata, argolas de ouro, brincos, broches, alfinetes, anneis, cruces, medalhas, fios para o pescoço e muitos mais objectos de ouro e prata.

Machinas de costura—Não devem comprar sem verem os preços porque se vendem as elegantes machinas Suecas que se encontram n'esta casa. São as máis perfeitas que até agora têm apparecido, eezem para traz e para diante sem alteração de ponto e não partem a linha. Esta casa é quem vende mais barato—Machina bobine central (a mais moderna) affiançada, com caixa, uma gaveta e todos os aparelhos 30\$000 reis; com duas gavetas 32\$000 reis; com quatro gavetas 35\$000 reis; com meza maior 36\$000 reis. A mesma machina (de mão) 22\$500 reis.

Machina Freya (lançadeira reciproca) com caixa, de mão, 13\$500, de pé, com uma gaveta e todos os aparelhos 17\$500 reis.

Agulhas, correias, mollas, chaves, lançadeiras, parafuzos, amotolas, oleo de 1.ª qualidade e todas as peças pertencentes a machinas.

Executam-se concertos em machinas de costura e em toda a qualidade de reljios. Põe pés em moedas e concerta todos os objectos de ouro e prata ficando perfeitos.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Fanqueiros=135

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobre-

maneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

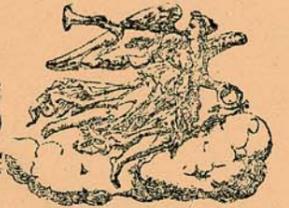
Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisalo da sua chegada a Lisboa.

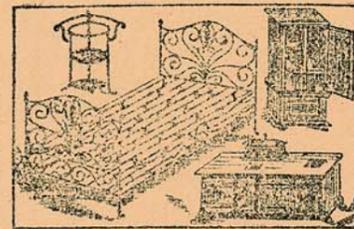
No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

NA LOJA DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.

—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relojos de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em act continuo.

NOVO

DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO ILLUSTRADO

POR

FRANCISCO D'ALMEIDA

PROMETTE esta obra, que se está publicando, ser a mais completa do seu genero das até agora publicadas, attenta a competencia do seu auctor já sobejamente comprovada—por varias formas—.

Esta obra comprehenderá todos os ramos de conhecimentos, dispersos em varias obras, que a maioria do nosso publico illustrado não póde adquirir pela somma que attinge e a respeito das quaes necessita de colher informações exactas.

N'esta novissima encyclopedia encontrar-se-hão inumeras indicações uteis que, pelo seu modernismo se não encontram nos proprios dictionarios technicos.

Para melhor illucidação, muitas das definições serão acompanhadas de desenhos e reproduções em gravura de nitida execução.

E' uma obra utilissima e necessaria a todos que desejam saber e que pelo seu modico preço todos podem adquirir.

O Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado

formará um grosso vollume de 1:600 paginas aproximadamente, 8.º grande, 2 columnas, typo miudo.

A sua publicação faz-se semanalmente, em cadernetas de 16 paginas; mensalmente, em tomos de 80 paginas.

Preço para o continente e ilhas adjacentes:

Cada caderneta 50 réis.—Cada tomo 250 réis.

Para as provincias ultramarinas e para os paizes estrangeiros, que fazem parte da União Postal, o mesmo preço, accrescido do porte do correio,

Pedidos á Empresa editora—**Costa Guimarães & Comp.ª**—Largo d'Annunciada, 9—LISBOA, ou aos seus correspondentes na provincia.